

**VEYNE, Paul, *Foucault – seu pensamento, sua pessoa*, tradução de Marcelo Jacques de Moraes, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. [ Original: VEYNE, Paul, *Foucault – as pensée, as personne*, Paris: Albin Michel, 2008]**

por Fabiano Lemos (PUC-Rio)

Dois anos depois de aparecer em francês, a tradução brasileira – bastante bem feita, aliás – do mais recente livro de Paul Veyne sobre Foucault está disponível entre nós – apenas um pouco depois das versões portuguesa, italiana, alemã e inglesa. Mais extenso que seu importante ensaio “Foucault révolutionne l’histoire”, que havia sido anexado em 1978 ao livro publicado oito anos antes, *Comment on écrit l’histoire* [versão brasileira: VEYNE, P., *Como se escreve a história*, seguido de *Foucault revoluciona a história*, tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp, Brasília: UnB, 1995, reeditado recentemente], ele amplia e corrige boa parte das teses de seu primeiro exercício de interpretação. É verdade que o ensaio, escrito ainda na década de 1970, teve o mérito de assinalar a importância das prerrogativas do projeto arqueológico-genealógico de Foucault para o método das investigações históricas, e isso justamente no momento em que os historiadores começavam a se deparar com as possíveis mudanças trazidas por uma nova abordagem dos objetos culturais, tal como apresentada nos trabalhos de Roger Chartier, na França, e Peter Burke, na Inglaterra. No burburinho criado pelas primeiras pesquisas dos Cultural Studies, Veyne procurou preencher uma lacuna da qual o próprio Foucault frequentemente se ressentiu, a do silêncio dos historiadores diante de suas investigações. Sim, Robert Mandrou havia feito, ainda em 1962, na revista *Annales* uma resenha da *Histoire de la folie à l’âge classique* extremamente elogiosa, e o historiador mais representativo da época, Fernand Braudel, havia feito coro aos elogios de Mandrou, sublinhando o “caráter pioneiro” de seu trabalho. Mas a ressonância destes testemunhos não parece ter conseguido cruzar as fronteiras estreitas da exegese historiográfica que a força simbólica da geração de Marc Bloch e Lucien Febvre, perpetuada em grande parte pela figura de seu herdeiro, Braudel, ainda exercia sobre a prática da história.

Les mots et les choses, de 1966, ainda era um livro excessivamente filosófico, articulando uma erudição histórica de forma desconcertante. Somente a partir de *Surveiller et punir*, de 1975, este quadro parece ter se alterado um pouco. Mas ainda assim, o interesse despertado pelas pesquisas sobre o biopoder e a história da sexualidade teimou em enxergar em Foucault um estruturalista. O próprio Braudel o compreendia desta forma, como atestam suas declarações deste período. Se o ensaio que Paul Veyne havia empreendido naquele momento procurou desfazer alguns mal-entendidos, o novo livro é bem mais enfático. Isto explica suas primeiras linhas: “Não, Foucault não foi um pensador estruturalista, não, ele também não está ligado a certo ‘pensamento de 1968’; tampouco era relativista, historicista, não via ideologia em tudo” (p. 9). Trata-se, portanto, de precisar melhor o lugar do pensamento de Foucault, e não mais de reconhecer, em geral, as conseqüências de sua crítica aos modelos históricos da continuidade através de uma reformulação (filosófica, nietzscheana, talvez) de seus pressupostos metodológicos.

Em relação ao trabalho da década de 1970, Foucault – seu pensamento, sua pessoa, é uma obra mais bem equilibrada e sensivelmente mais informada. Apesar de ter convivido pessoalmente com Foucault naquele período, Veyne não teve acesso a reflexões importantes que só vieram a ser integralmente publicadas em 1994, quando Daniel Defert e François Ewald reuniram estes textos paralelos aos livros nos quatro grandes volumes dos *Dits et écrits*. Veyne, portanto, não escapou, naquele momento, das ambiguidades interpretativas – de que sofriam grande parte dos leitores de Foucault antes do empreendimento de Ewald e Defert – deixadas pelas lacunas da bibliografia do projeto arqueológico-genealógico. No texto de 1978, uma certa oposição funcional entre o suposto “método” da arqueologia-genealogia e a consciência histórica de tipo hegeliano ainda operava uma polarização que, embora não falsa, parece não ter sido a preocupação central de Foucault. Àquela altura, os objetos da história surgiam à margem da consciência subjetiva/ universal do historiador à maneira de Droysen, por exemplo: “O método consiste, então, para Foucault, em compreender que as coisas não passam de objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser postas à luz, já que a consciência não as concebe” (“Foucault revoluciona a história”, p. 254). Ora, a ideia mesma não parece equivocada, mas é preciso lembrar que tal posição não formava necessariamente um “método”. Este termo não aparece em *L’Archéologie du savoir*, mesmo que, em 1966 (três anos antes), em *Les mots et les choses*, Foucault promettesse ao seu leitor “um livro sobre o método”. Não é demais lembrar o óbvio: um livro sobre o método não é um livro de método.

Essa certa insistência na cientificidade e na objetividade do método ainda emerge ao longo do novo trabalho de Paul Veyne. O capítulo VII, por exemplo, intitulado “Ciências físicas

e humanas: o programa de Foucault”, propõe uma leitura do trabalho da arqueologia como uma ciência “sem a ajuda do céu das ideias”(p. 151). Por mais interessante que possa ser este remanejamento do conceito de ciência frente à historicização e à sociologização da verdade, ele parece deixar de lado um aspecto sobre o qual Foucault se voltou muitas vezes – sobretudo nos últimos anos de vida – quando acentuava a dimensão ficcional de seu trabalho. Em sua conhecida entrevista a Duccio Trombadori, em 1980, Foucault afirmava incontornavelmente a legitimidade desta dimensão. O problema que ela coloca, no entanto, parece assombrar filósofos e historiadores: a ficcionalidade do discurso histórico não instaura um relativismo absoluto? Roger Chartier se debateu frequentemente com essa questão. Muitos procuraram isolar esta tal dimensão no exercício da “hermenêutica do sujeito” ou mesmo da “estética da existência”, suavizando ou ignorando os elos destes dois temas de Foucault com todo o aparato metodológico do resto de suas pesquisas. Veyne também parece se assustar com a possibilidade de um Foucault relativista, e o capítulo III de seu livro, “O ceticismo de Foucault”, constitui uma espécie de cruzada metodológica contra esse fantasma. A afirmação “o historiador tem acesso aos acontecimentos” (p. 85) corre o risco de ser lida como uma tese excessivamente objetivista. De fato, Foucault estava mais interessado na constituição do sentido (esse sim, historicamente objetivado) dos fatos que nos fatos mesmo. Veyne sabe disso, mas seu apego de historiador aos fatos brutos, tangíveis ao toque mais que ao uso de uma faculdade cognitiva frágil qualquer, sublinha pouco o papel da ficção nos trabalhos da arqueologia-genealogia.

Medidas estas hesitações, contudo, o livro de Veyne se apresenta como uma introdução muito bem informada e clara ao universo problemático e ao projeto filosófico de Foucault. As páginas, por exemplo, que tentam elucidar esse difícil elemento da arqueologia do saber que é o a priori histórico são muito bem sucedidas e redigidas com a conhecida elegância retórica de Veyne, muito próxima da de Foucault mesmo – o que é mais surpreendente, dada a complexidade do objeto. Além disso, se o livro se dedica não somente ao seu pensamento, mas também à sua pessoa, como informa o título, o faz em uma medida bastante sutil. Diferentemente do trabalho de biografos como Didier Eribon, que se demoram em detalhes curiosos sobre a vida do autor – por exigência coerente do ofício, claro – Paul Veyne respeita a reserva com que seu amigo procurou identificar a solidariedade afetiva e intelectual. Não que não haja um tom algo apologético que atravessa o livro – a caracterização de Foucault como “samurai” o prova, incontestavelmente. Mas isso é feito na mesma direção em que Foucault reverenciava seus mestres: Nietzsche, Artaud, Bataille, Blanchot. Foucault é um livro de discípulo. Mas não é um detalhe desprezível que esse discípulo tenha auxiliado o próprio Foucault a rever suas posições

*Resenha*

metodológicas – como aconteceu quando as pesquisas da História da sexualidade recuaram ao horizonte ético Greco-romano. Ele pode ser lido, portanto, como uma reverência insubmissa.